

2. JEAN PIERRE CHAUVIN (USP) – *EM TORNO DO ARGUMENTO: A RETÓRICA COMO CIÊNCIA APLICADA*

Em 1970, Roland Barthes publicou um artigo na Revista Communications que se tornou célebre. Ao abordar o percurso da arte da persuasão, ao longo de seus vinte e cinco séculos, o pensador francês propunha a divisão da história da Retórica em sete fases, desde suas origens remotas, nas imediações da antiga Sicília (século V a. C.), à chamada Nova Retórica (Chaïm Perelman) e suas correntes derivadas, mais ou menos convergentes, a partir da década de 1950. Com a incursão dos estudos vinculados à Linguística (Alain Dubois, Oswald Ducrot, Tzvetan Todorov, entre outros) - em especial aqueles de viés estruturalista -, a arte retórica, reduzida à descrição e estudo da Eloquência desde o século XIX, viu-se cada vez mais empobrecida como um campo do saber. Oscilando entre o dado útil e o decorativo, a abordagem da matéria transferiu-se gradativamente do plano da enunciação para a interpretação de enunciados. Desde o final do século XX, a Retórica vem sendo vislumbrada como sorte de pressuposto para análise do argumento, ora compreendido pelo viés estrutural (Stephen Toulmin); ora defendido segundo uma concepção utilitária, fundada em exemplos retirados do cotidiano comunicacional (Anthony Weston); ou, ainda, admitido como ato inerente a todo e qualquer processo comunicativo (Phillipe Breton). O propósito deste trabalho é discutir o estatuto da Retórica hoje, tendo em vista problematizar determinadas abordagens de nosso tempo, notoriamente pautado por crescentes especialidades e conhecimentos de caráter aplicado. Estamos bem distantes do ensino da arte como conjunto de técnicas - considerando-se as preceptivas, os topoi, as figuras e demais expedientes que remontam à Antiguidade greco-latina - com base no que afirmavam Platão (V a.C.), Aristóteles (IV a.C.), Cícero (I a.C.) e Quintiliano (I d. C.) etc.

3. LUANA FERRAZ (UFES) – *FIGURAS RETÓRICAS E ARGUMENTAÇÃO NO ESQUETE CÔMICO*

O humor é considerado, desde a Antiguidade, instrumento útil para potencializar os efeitos do discurso. No entanto, é também um recurso perigoso, que deve ser manipulado com parcimônia. Sendo assim, tornam-se interessantes as reflexões sobre as estratégias retóricas do discurso humorístico eficaz. Neste trabalho, especificamente, investigamos como as figuras retóricas podem contribuir com o projeto argumentativo do orador da comédia, aliando prazer e reflexão. Para tanto, recorreremos à análise do esquete cômico “Cachorras”, um dos nove quadros que compõem a peça Cécegas (2004), escrita e interpretada por Heloísa Périssé e Ingrid Guimarães. Nosso referencial teórico tem por base os pressupostos da Retórica Antiga e das neoretóricas, e nossas análises põem em diálogo estudos que apresentam diferentes pontos de vista sobre as figuras, tais como os do Grupo μ (1974), de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) e de Fiorin (2014).

4. MAYSA DE PÁDUA TEIXEIRA PAULINELLI (UFOP) – *RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO EM UM INVENTÁRIO DO SÉCULO XIX*

Neste trabalho, elaboramos uma retrospectiva dos estudos da argumentação de procedência retórica, com vistas à reconstrução crítica dos percursos trilhados desde o mundo clássico, até as pesquisas mais contemporâneas no âmbito da Análise do Discurso. Discorreremos inicialmente sobre a Retórica clássica e, em seguida, apresentamos os postulados da Nova Retórica, de Chaïm Perelman, e